

MELISSA PIMENTEL

PROCURA-SE HOMEM (SEM COMPROMISSO)

Com sentido de humor,
que goste de
aventura e ^{muita} diversão!



TOP
SEL
LER

*Para a Katie e o Simon,
as minhas duas caras-metades.*

Março

Como muitas outras coisas, este projeto nasceu de um ovo. Ou melhor, de dois.

O Adrian entrou na cozinha a tempo de me ver partir dois ovos na frigideira e deitá-los sobre a manteiga crepitante. Colocou os braços à minha volta, espreitando por cima do meu ombro em direção ao fogão, e eu encostei-me a ele.

— Estás a fazer ovos? — perguntou, ainda com a voz embargada de sono.

— Como é que adivinhaste? — respondi, virando-me para lhe dar um beijo apressado. — Lembrei-me de que tinhas dito que gostavas de ovos, e decidi cozinhá-los para ti.

Virei rapidamente os ovos, deitando-os sobre a torrada barrada de manteiga.

— Estiveste a cozinhar esses ovos especialmente para mim? — interpelou o Adrian de olhos arregalados.

— Sim — respondi, pousando o prato na mesa antes de pegar na minha tigela de granola e iogurte. Ajustei o meu roupão turco amarelo, e olhei para ele.

— Não comes? — inquiriu, olhando ainda com maior desconfiança para o seu prato.

— Não. Não sou grande apreciadora de ovos.

— Estou a ver. Fizeste estes ovos só para mim. — Os olhos dele, dilatados de medo. — Certo.

— Por amor de Deus, são apenas ovos. Acalma-te. Queres pimenta? Conseguia ver a engrenagem a mexer-se dentro da cabeça dele. Os ovos levam a tardes de domingo passadas em antiquários, jantares com outros casais, encontros com os pais, a uma proposta de casamento, uma cerimónia de casamento vistosa, três crianças guinchantes, uma mulher de tornozelos inchados e, depois, ao doce cheiro da morte. Na sua mente, os ovos levavam a coisas. Coisas assustadoras.

Minutos depois de ter limpado o prato, levantou-se rapidamente, calçou os sapatos e murmurou qualquer coisa sobre chegar a tempo de ver o *Football Focus* com o colega de quarto.

Tinha assustado um homem com ovos. Tinha-o assustado tanto, que ele tinha preferido o *Football Focus* a fazer sexo comigo. As coisas não me estavam a correr bem, nem ao meu pipi.

O começo tinha sido prometededor. No verão passado, mudei-me para o quarto em Old Street com o coração cheio de esperança: de que a mudança de Portland para Londres representaria uma nova vida para mim, que poderia livrar-me dos vestígios de uma relação com um homem de olhos bondosos e queixo determinado, que deixara para trás, que o emprego que eu tinha surripiado como coordenadora de eventos no Museu de Ciência levaria a mais e melhores coisas, e, talvez, o mais importante, que faria sexo com um sem-número de ingleses atraentes, tão desinteressados em compromissos quanto eu.

Tinha encontrado o anúncio do apartamento no *Gumtree* antes de deixar o Maine, enviando imediatamente um pedido de informações. Nas fotografias parecia fabuloso — o quarto, pintado de amarelo-pálido, tinha mobília de madeira branca desgastada — e, segundo os mapas do *Google*, a localização era perfeita. Depois de ter enviado vários e-mails desesperados e prometido um frasco de creme de *marshmallow*, Lucy, a mulher que arrendava o quarto, concordou em reservá-lo para mim até à minha chegada a Londres, na semana seguinte.

Quando cheguei à morada, fiquei um pouco surpreendida ao encontrar uma torre de habitação social, em vez do edifício de renovação vitoriana que me fora prometido, mas respirei fundo e toquei à campainha, com imagens do quarto a flutuarem-me na mente. O jet lag tinha-me deixado com a boca seca e estava em prática sem

casa; não podia dar-me ao luxo de descartar o apartamento antes de o ver.

A Lucy veio receber-me à porta.

— Olá! Deves ser a Lauren. Entra, querida.

Assimilei o seu sorriso airoso, os olhos azul-claros, e um cabelo farto em incríveis caracóis loiros, e senti-me muito melhor com a situação. Conduziu-me até à atravancada cozinha e pôs a chaleira ao lume.

A cozinha não correspondia aos padrões de design que eu tinha visto nas fotografias. A Lucy tinha feito o melhor possível, preenchendo as bancadas com vasos de ervas aromáticas e um conjunto de balanças cor-de-rosa, mas a porta do forno pendia num ângulo instável, e havia um grande buraco no chão, disfarçado por placas de MDF. Não era propriamente digno do programa *Martha Stewart Living*.

A Lucy pegou na chaleira.

— Café?

Assenti.

— Como é que bebes?

— Simples seria ótimo, obrigada.

— Não percebo como o consegues beber assim. Eu preciso quase de oito colheres de açúcar e de três quartos de leite no meu. Em particular hoje. Tenho cá uma ressaca. Mas estou feliz por estares aqui e teres um ar normal — a última rapariga que cá esteve tinha-se convertido recentemente ao cristianismo e não bebia. Como é possível?! Da terceira vez que ela despejou a minha garrafa de rum pelo lava-loiça abaixo, eu disse-lhe «Desejo-te boa sorte, querida, mas não vais ficar aqui».

Passou-me uma caneca e sorvi um gole.

— Vou mostrar-te o resto da casa. — Fez-me uma curta, mas exaustiva, visita guiada ao apartamento. — Aqui é a sala — um enorme sofá castanho em imitação de couro sozinho entre quatro paredes vermelho-sangue — e também há uma varanda — referia-se a uma placa de betão enfiada de lado na torre de apartamentos, com arame farpado ao longo do rebordo — aqui é a casa de banho — um paraíso de micróbios com um daqueles chuveiros elétricos que deixa os Americanos cheios de pesadelos — e este é o teu quarto

— um colchão nu, em cima de uma estrutura de metal, e um gasto armário da Ikea, sendo a sua única virtude uma minúscula janela com uma magnífica vista sobre Londres.

— Importas-te que veja o teu quarto? — perguntei. — Só para ter uma ideia da diferença de tamanho.

— Claro! Desculpa, de momento está um bocado desarrumado.

A Lucy abriu a porta do seu quarto — e ali estava, o famoso quarto amarelo. Era como se a Laura Ashley tivesse aparecido ali de repente — tudo florido e em tons pastel, e muito, muito organizado.

— É lindo — disse eu. — Dá-me ânimo para fazer alguma coisa decente com o meu.

Tive uma súbita visão de interiores estilo *shabby-chic* e prateleiras feitas a partir do reaproveitamento de velhas caixas de vinho francês, e tomei nota na minha memória para me registar no *Pinterest*.

A Lucy alisou um vinco imaginário no edredão rosa-pálido.

— Obrigada, querida. Só precisa de uma demão de tinta e de algum esforço — disse ela. — Anda, vamos sentar-nos na sala para conversarmos um pouco.

Empoleirei-me no enorme sofá, e Lucy puxou uma cadeira e sentou-se em frente a mim.

— Então, Lo — disse ela, bebendo da sua caneca —, conta-me como vieste parar a Londres.

— Sempre quis viver aqui — expliquei descontraidamente.

Era um eufemismo. Desde miúda que sempre quis viver em Londres. O quarto de criança que partilhava com a minha irmã estava coberto de fotografias de Londres, e desde pequena que me tinha empanturrado com os Beatles e com filmes com o típico humor britânico. Londres era o meu mundo imaginário e, qual naufraga, tinha sido lançada para as suas margens.

É claro que sabia que tinha estado ao leme desse malfadado navio, e que tinha passado os últimos meses a fazê-lo encalhar nas rochas. Pensei na cara do Dylan quando fiz as malas, e no olhar do meu pai quando me deixou no aeroporto, e empurrei-os para os confins da minha mente, onde não os podia ver. Não estava preparada para admitir a mim mesma o que tinha feito, quanto mais a uma desconhecida.

Virei-me para a Lucy com um sorriso radioso.

— Já estiveste nos Estados Unidos?

Os olhos dela ficaram húmidos.

— Não, nunca, mas sempre lá quis ir. Um dia irei!

— Nessa altura, terei todo o gosto em partilhar contigo algumas dicas.

— Obrigada, querida. Então, o que se passa no que toca a homens? Tens namorado, e, se sim, ele vai cá ficar muitas vezes? É ruidoso e desarrumado?

Dei uma gargalhada.

— Não, nada de namorado, e não tenciono ter tão depressa. Por uns tempos, quero aproveitar a minha condição de solteira.

— Ainda bem. Acabei de terminar com uma pessoa e estou desejosa de sair e divertir-me.

Ri.

— Alinho totalmente nisso. Como está a correr? — perguntei.
— Algumas perspetivas entusiasmantes?

A Lucy abanou tristemente a cabeça.

— Querida, tem sido negro. Comecei a procurar no *Facebook*, para ver se algum dos meus antigos colegas de escola é agora um atraente homem solteiro com quem possa dormir.

— Isso não é bom sinal.

Ela abanou seriamente a cabeça.

— Não é. Qual é o estado da arte na América? Imagino imensos homens em boa forma física, chamados Brad ou Tyson ou algo do género, a deambularem pelas ruas, musculados e adoráveis. Aposto que tiveste muitos namorados jeitosos, lindos.

A última coisa que eu queria era embrenhar-me na minha história americana de namoros.

— Nem por isso — disse, encolhendo os ombros. — Lá, a cena de encontros é muito estruturada; gira tudo à volta de «andar com várias pessoas ao mesmo tempo» e da «regra dos três encontros» e do rígido programar da vida. Se, aos 28, não temos um diamante do tamanho de uma romã no dedo, somos vistas como leprosas.

— Medonho.

Concordei.

— É extenuante.

— Bem, agora estás aqui. Tenho a certeza de que, juntas, seremos capazes de nos meter em algumas tropelias. Duas raparigas solteiras na cidade do fumo¹. — Analisou o meu desmazelado cabelo ruivo, o meu casaco militar demasiado grande, as minhas calças de ganga justas rasgadas, e os meus *Converse* surrados.

— Para começar, talvez seja preciso levar-te ao centro comercial Westfield...

E foi tudo. Uns cigarros fumados na varanda tornaram-nos mais cúmplices, e mudei-me no dia seguinte. A partir daí seguiram-se incontáveis noites de sapatos emprestados, *Jack Daniel's* e *Coca-Cola* (eu), *Bacardi* e *Cola Zero* (ela), dançar em discotecas encharcadas em suor e em fumo cediço de cigarro, discussões às três da manhã e o pôr a conversa em dia na manhã seguinte. Foi extremamente divertido, e tudo o que eu esperava de Londres.

No entanto, ela tinha razão: a questão dos homens não era tão animadora como eu esperava. Não é que fossem uns patifes. No geral, eram absolutamente encantadores, e estando eu há relativamente pouco tempo no país, o sotaque aumentava-lhes imediatamente o quociente de atratividade em vários pontos. O meu novo bairro, Hackney, estava repleto de homens com um ar vagamente misterioso, que vestiam camisas axadrezadas e que fumavam cigarros de enrolar, em teoria, todos prontos para serem colhidos.

Mas havia um problema. Por mais direta que fosse sobre não estar à procura de nada sério, recusavam-se a acreditar em mim. Lá no fundo, achavam que tudo não passava de um elaborado esquema da minha parte, uma armadilha montada para os prender a uma vida de fidelidade suburbana. Um de cada vez, desapareceram na noite ao fim de algumas semanas, para nunca mais serem vistos.

Começava a pensar que estava a fazer tudo da maneira errada: que, ao ser direta sobre o que pretendia (ou melhor, sobre o que não pretendia), estava a ligar o botão de pânico em cada homem de Londres. Era enfurecedor, e um enorme desperdício de expectativa sexual.

¹ Alcinha atribuída à cidade de a Londres no século XIX, devido ao fumo das muitas fábricas aí existentes, que cobria o céu da cidade. [N. da T.]

Depois conheci o Adrian.

Foi numa festa de Natal cheia de pessoas que eu não conhecia. Desconhecia a tradição britânica no que a festas de Natal dizia respeito: ficar completamente bêbedo, exibir a roupa interior a toda a gente e curtir com alguém totalmente inapropriado, mas habituei-me rapidamente, e empenhei-me a ir ao maior número possível de festas de Natal. E foi assim que dei por mim no meio de Kensal Rise, com um grupo de antigos colegas de escola da minha colega Cathryn, que se tinham juntado para a sua reunião anual natalícia. Tinha vindo preparada com um maço de *Marlboro Light*, e vestia um top a fazer a vez de vestido.

Vi a sua excelente poupa do outro lado da sala, e fiz sinal com o cotovelo à Cathryn.

— Quem é ele? — perguntei, enchendo a bebida dela.

— Ele, quem? — inquiriu ela, colando a mão sobre a borda do copo e apontando incrédula para o objeto da minha atenção que usava óculos.

— Sim, o tipo que parece o Buddy Holly. Quem é ele?

— O que tem os óculos? É o Adrian.

— O Adrian, hum? Qual é a dele?

— Uff! Na escola não o suportava. Era um convencido. Acho que queria ser jornalista. A última vez que ouvi falar nele, trabalhava como editor-adjunto em Sunderland.

— Bem, agora ele está aqui e eu gosto dos óculos dele. Vou fazer-lhe olhinhos.

— A sério? Ao Adrian Dean?

— Raios! Sim, ao Adrian Dean! Não *te* estou a pedir para lhe fazeres olhinhos!

Os olhinhos funcionaram, e pouco depois ele estava a pedir-me tabaco e fumávamos no beco nas traseiras do bar, com a condensação da nossa respiração a fundir-se com o fumo e a rirmos um para o outro por cima dos cigarros. Por volta da meia-noite tinha-me beijado. Pelas duas da manhã, estávamos num táxi em direção ao meu apartamento.

Foram três fabulosos meses de sexo disponível, com alguém com quem não me importava de passar tempo antes e depois

— exatamente o que eu queria. Depois veio aquela tola manhã, na qual, num acesso de boa vontade pós-coito, cometi o erro grave de lhe cozinhar ovos.

Até o Adrian, com quem eu achava estar em sintonia, acabou a convencer-se de que eu o estava a tentar prender.

Eu pensava que devia ser fácil sair com alguém; divertido, até. É verdade que não tinha muita experiência em sexo descomprometido, mas tinha-me saído bem na faculdade. Obviamente, os meus atuais métodos de sedução estavam a deixar-me ficar mal. Precisava de orientação.

Um plano começou a tomar forma.

Lembrei-me de todos os artigos sobre as «Dez Maneiras de o Tornar Seu» da YM e da *Seventeen*, de quando eu era adolescente. Eram todos deprimentemente idênticos, encorajando-nos a partilhar os interesses dele («Se ele adora carros, porque não tiras um curso de mecânica?»), namoriscar como uma doida («Passa-lhe um bilhete em Educação Física, perguntando-lhe se está a usar boxers ou cuecas!»), e alterar totalmente a nossa personalidade e aparência para nos enquadrarmos no que um rapaz de 15 anos espera de uma namorada. A dica número dez era sempre «Sê tu mesma!», mas nunca consegui perceber como se conseguia fazer isso ao mesmo tempo que se brincava com o cabelo e se exibia uma chave-inglesa na mão. Na realidade, um rapaz de 15 anos quer uma rapariga loira com o peito grande, coisa que eu não tenho, nem nunca terei (o que explica perfeitamente o número de namoros que tive durante a adolescência).

Seriam os guias de namoro disponíveis nas livrarias o equivalente adulto do top 10 das revistas para adolescentes? Prometiam conseguir-nos o nosso homem a qualquer custo, mas funcionariam os seus conselhos realmente? Ou iria parecer uma maluca? Acima de tudo, até que ponto seguir esses guias me levaria a ter frequentemente sexo com pessoas que não fossem psicopatas?

Comecei a ficar entusiasmada com essa possibilidade. Todos os meses seguiria um guia diferente, e anotaria os resultados num diário (este!), para a posteridade científica. Seria uma experiência sociológica. Meu Deus, ao fim de uns meses de estudo científico seria

praticamente a Margaret Mead!² Talvez não, mas, pelo menos, seria interessante. Muito mais interessante do que assustar homens com ovos e ser preterida em favor do maldito *Football Focus*.

Enviei imediatamente uma SMS à Lucy.

Eu: Alguma vez usaste um guia de namoro?

Lucy: Porquê?

Eu: Nada. Só por curiosidade.

Lucy: E de onde vem essa curiosidade?

Eu: Diz-me!

Lucy: Talvez.

Eu: Talvez?

Lucy: Talvez. Sim. Sou patética?

Eu: Talvez.

Lucy: Vai-te lixar.

Eu: Qual?

Lucy: *As Regras*³. Não me julgues! Estava numa fase má.

Eu: Não julgo. Tenho um novo plano de vida. Conto-te quando chegar. Bjs.

Corri até à minha livraria favorita, uma pequena pérola escondida atrás da estação de metro de South Kensington. Pertencia a um homem gentil, bondoso e de cabelo branco, com um cerrado sotaque escocês. Tinha-se tornado uma das minhas pessoas favoritas em Londres, apresentando-me a livros maravilhosos, murmurando incompreensivelmente acerca deles. A livraria em si era fabulosa: cheia de minúsculos recantos e reentrâncias, com um pequeno espaço no sótão reservado a livros usados. Passava a maior parte das minhas horas de almoço aí — entretida à procura de tesouros perdidos.

Cheguei lá dez minutos depois do fecho, mas a porta ainda estava aberta. Conseguia ver o dono lá dentro, andando de um lado

² Reputada antropóloga americana, autora e oradora do século xx. Os seus trabalhos sobre as atitudes sexuais das culturas tradicionais do Pacífico Sul e do Sudeste Asiático influenciaram a revolução cultural dos anos sessenta. [N. da T.]

³ *The Rules*, no original, é um bestseller internacional da autoria de Ellen Fein e Sherrie Schneider, cuja principal diretriz é ensinar as mulheres a conquistar o homem certo, fornecendo, para o efeito, conselhos e regras. [N. da T.]

para o outro, a arranjar uma mesa com livros de Seamus Heaney e a cantar acompanhando o som que saía do rádio.

Saudou-me com um sorriso caloroso e um sussurro que presumi ser um «olá».

— Em que te posso ser útil, querida? — perguntou ele. — Voltaste para mais Austen? Ou, talvez, para um pouco de Thackeray?

Como habitualmente, começou a tirar livros das prateleiras e a amontoá-los numa pilha para mim.

— Não, Hamish, obrigada. Hoje estou à procura de uma coisa um pouco diferente. Tens alguns livros de autoajuda?

— Ah, querida, não me parece que precisas de ajuda! Para que é, *bricolage*? Devias arranjar um tipo musculado para fazer isso!

— Não, não é isso. — Raios, isto é embaraçoso — É... de relacionamentos. Preciso de ajuda para namorar.

Endireitou-se sobre a bengala e dirigiu-me um sorriso bondoso.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade. És uma rapariga encantadora. Aposto que os rapazes se atropelam para te levarem a viajar!

— Nem por isso — murmurei. — De qualquer modo, é para pesquisa. Pesquisa científica.

Tentei dizê-lo com mais convicção do que, na verdade, tinha.

— Ah, já devia calcular. Trabalhas no Museu da Ciência e tudo. Acho que tenho um desses escondido no sótão. Se não o conseguires encontrar, grita, que eu vou procurá-lo.

Agradei-lhe e subi a correr os degraus até ao sótão, pejado até às vigas com periclitantes pilhas de livros usados. Encontrei o canto certo, soprei o pó, e vasculhei os títulos: *Os Homens São de Marte e as Mulheres São de Vénus*, *Ele Não Está Assim Tão Interessado, Porque É Que os Homens Amam as Mulheres Poderosas...* O querido Hamish tinha uma excelente seleção.

Ouvi-o clarear a garganta e a chamar cá para cima.

— Desculpa, querida, mas o meu lugar no Chandos está a ficar frio...

— Já desço! — gritei.

Encontrei-o! Tirei-o do monte e corri pelas escadas abaixo, exibindo-o triunfantemente, e a uma nota de dez libras...

Regressei ao apartamento, com o meu exemplar de *As Regras* na mão, e expliquei à Lucy o meu plano.

Ela ficou silenciosa durante uns minutos, claramente impressionada com a minha astuta mente científica.

— Querida, estás doida? — perguntou. — Vais transformar a tua vida amorosa numa experiência?

— Vou!

— Mas... isso é uma loucura! O que é que acontece se saíres com alguém por mais de um mês?

— Acho que isso não vai acontecer, mas se acontecer, terei de mudar de tática e seguir o novo guia! De repente, o meu comportamento ALTERAR-SE-Á COMPLETAMENTE e documentarei como isso os afeta!

— O que acontece se o livro te disser para fazeres alguma coisa muito esquisita? Se disser que tens de os deixar fazer chichi em cima de ti enquanto fazem sexo? Ou fazer imenso *bondage* japonês ou algo do género?

— Lucy, é um guia de namoro, não é pornografia alternativa. Apertou-me o braço.

— Lo, ouvi dizer que alguns desses guias dizem para — arregalou os olhos — se *deixar de fazer sexo*.

Coloquei o meu melhor ar solene.

— Terei de me socorrer da minha força interior.

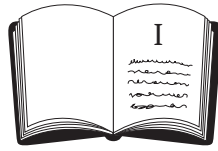
— Hum. — Percebi que ela hesitava. De repente, os seus olhos iluminaram-se. — O que acontece se te apaixonares por um dos teus objetos de estudo? O que é que fazes?

Revirei os olhos.

— Já tive amor que chegue para a vida inteira. Isto, minha amiga, é em nome do progresso das mulheres solteiras em todo o mundo!

— Nesse caso, sou totalmente a favor! — Gritou, e erguemos os copos para fazer um brinde.

— À ciência!



Livro Um: *As Regras*

1 DE ABRIL

Escrito em 1995, depois da primeira e da segunda vagas feministas se terem esmagado contra a nossa costa, e a meio da maré pós-estruturalista da terceira, *As Regras* pregam uma mensagem que pode ser descrita como antiquada. Vitoriana, até. Os títulos dos capítulos incluem «Não Te Dirijas a um Homem antes Que Ele o Faça (Nem o Convides para Dançar)» e «Não Fites os Homens nem Fales Demasiado», que parecem conselhos fictícios dados por uma avó de um telefilme sobre os Amish.

O mais preocupante é isto: «Não discutas *As Regras* com o teu terapeuta». Não devo estar errada ao pensar que é mau sinal quando um livro nos aconselha a comportarmo-nos de uma maneira que temos de esconder do nosso terapeuta...

O principal conceito na génese do livro é: devemos fazer com que um homem nos persiga. Para sempre. Pelos vistos, se parecermos uma criatura esquiva como nenhuma outra, que nunca olha os homens de frente, que só fala quando lhe falam e sem pensamentos ou opiniões discerníveis, seremos a coisa com pernas mais sensual de todas. Pós-estruturalistas, vejam lá como vão estruturar isto!

A ideia parece ser reprimir-se toda a nossa personalidade para nos tornarmos um qualquer misterioso ideal feminino. «Sê feminina», aconselha o livro. «Não contes piadas sarcásticas. Não sejas uma rapariga espalhafatosa que conta piadas hilariantes e é extremamente divertida [...] Sê sossegada, age como uma senhora, cruza as

pernas e sorri.» Como eu tendia a sentir-me mais inclinada a sorrir quando abria as pernas do que quando as fechava, estava um pouco preocupada com quão adequada seria para este desafio. Nesse aspecto, *As Regras* traziam algum conforto: «Poderás sentir que não és tu mesma, mas os homens irão adorar!».

Sentia-me intimidada, mas, ao mesmo tempo, percebia que a insensatez tinha método. Aqui está o rácio de trabalho: *70 por cento de tretas que vão contra tudo aquilo em que acredito, e 30 por cento de génio absoluto.*

Quanto mais lia, mais me perguntava se era mesmo... bem, empoderador. As raparigas que seguem as *Regras* não namoram com rapazes que não as querem, afirma o livro, e se um homem nos deseja mesmo, perseguir-nos-á. Dar-se-á ao trabalho. Pensei brevemente no Adrian e nos seus serões desportivos, e na clara falta de esforço da sua parte nos últimos meses. Hum.

Nessa noite, depois do trabalho, tentei explicar a essência do livro à Lucy.

— Então, não deves telefonar-lhe, perguntar-lhe se quer sair contigo, falar muito, retribuir as chamadas nem olhar para ele?

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Isso soa horrível. — A Lucy deu uma passa no cigarro. — Como é que é suposto namoriscar-se?

— A questão é essa! Não é. Ou, pelo menos, não é suposto namoriscar-se da maneira que nós namoriscamos. Devemos ser completamente tímidas e acanhadas. — Ouvi um som agudo na rua e debrucei-me na varanda. — Aqueles tipos lá em baixo estão a promover uma luta de cães?

A Lucy espreitou por cima do meu ombro.

— Na verdade, acho que é um negócio de droga.

— Adiante, de acordo com isto, devemos ser intangíveis. Como uma ninfa dos bosques. Os homens nunca devem ficar totalmente à vontade, ou certos de nos terem conquistado; devem esforçar-se constantemente para conquistar o nosso afeto. — Bem, calculo que isso faça diferença. Não me lembro da última vez que um homem se esforçou para o que quer que seja.

Mais tarde, nessa noite, fomos ver o mais recente potencial arranjinho da Lucy a fazer a sua melhor imitação do Ed Sheeran,

na cave húmida de um bar do Soho. O Max era um tipo relativamente distante, amante-de-artes-marciais-e-da-condução-de-carros-desportivos que, víamos agora, tinha propensão para cantar canções sobre beijos fugidios.

Também era muito bom no jogo do «agora estou interessado, agora não estou» — passando por todo o ritual de levar a Lucy a jantar, e, em seguida, desaparecer durante três semanas, para reaparecer telefonando-lhe às onze da noite, numa terça-feira qualquer, pedindo-lhe que fosse até ao apartamento dele. Isso durava há semanas.

Eu e a Lucy achávamos que ele era um sacana, mas, infelizmente, como é muitas vezes o caso, era um sacana bom na cama e também capaz de empunhar essa todo-poderosa versão de criptonite feminina: a guitarra acústica. Pessoalmente, preferia lamber a sola das minhas havaianas depois de uma viagem de mochila às costas pela Índia, do que sentar-me na beira da cama enquanto um homem me cantava uma canção, mas a Lucy era diferente. Ela adorava. Até cantava em conjunto com ele. Tremi só de pensar nisso.

Quando terminou a sua atuação e saiu do palco, pouco aplaudido, olhou para a Lucy, atirou-lhe um sorriso de morrer e acenou-lhe. Senti o meu coração apertar-se um pouco por ela: ele era muito atraente.

— Então é assim — disse eu em voz baixa. — Quando ele vier até aqui, manténs a coisa por cinco minutos no máximo, e depois dizes-lhe que tens outras coisas para fazer.

— Estás doida? Eu quero levá-lo para casa esta noite. *Quero sexo.*

— Eu sei, mas as *Regras* dizem...

— Não sou eu quem está a seguir as malditas *Regras*! És tu!

— Eu sei, eu sei. Mas não devias ficar à espera dele: ele é que devia andar atrás de ti!

— Estás a esquecer-te de que eu quero sexo?

— ÉS UMA CRIATURA ÍMPAR!

— *Cala-te.* Ele está a aproximar-se!

O Max apareceu na nossa mesa, segurando um copo de cerveja, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Olá! Como estão, adoráveis senhoras? Gostaram da atuação?

Eu e a Lucy murmurámos ruídos de aprovação.

Virou-se para a Lucy.

— Querida, tenho de voltar para ir ter com os meus amigos e o meu irmão. Ficas por aqui?

Dirigi um olhar penetrante em direção à Lucy. Devolveu-me um olhar irritado, revirou os olhos e em seguida disse:

— Não, por acaso temos de ir. Temos outras coisas para fazer.

— Sim, outras coisas para fazer — gritei eu. — Grandes planos. Sou mais ameaçador do que eu esperava, mas queria mostrar o meu apoio.

O Max franziu o sobrolho.

— Oh. É uma pena, mas... Bem, voltamos a encontrar-nos em breve. Foi bom ver-te.

Conseguia sentir a Lucy a ir-se abaixo sob o peso do olhar dele, por isso levantei-me e fui buscar os nossos casacos.

— Vamos chegar atrasadas! — disse eu bem alto.

Depois de darmos um breve beijo nas faces do Max, saímos apressadamente do bar e apanhámos um autocarro de volta a Old Street para uma última bebida. O telefone da Lucy tocou passados uns minutos. Era o Max.

Esta noite estavas linda. Lamento que te tenhas ido embora... Jantar na próxima semana? Bjs.

Senti uma estranha mistura de triunfo e de horror. Esta porcaria tinha mesmo funcionado? Estava na altura de experimentar por mim mesma.

2 DE ABRIL

Assim que peguei no projeto, soube que havia uma coisa de que tinha grande falta: objetos de estudo. No entanto, embora, como qualquer rapariga, adore sair e namoriscar com rapazes, a experiência ensinara-me que usar apenas essa técnica não forneceria material de estudo suficiente.

Apesar de fisicamente sermos o exemplo do fosso transatlântico, eu e a Cathryn alimentámos uma amizade muito sólida, durante

o tempo em que trabalhámos juntas. Ela era magra e elegante e muito rica. Vivia numa bela moradia com terraço, em Notting Hill, com o seu igualmente belo noivo, Michael, e tinha cabelo acastanhado lustroso, que podia apanhar num rabo de cavalo perfeito e arrebitado, sem usar escova. Era o suficiente para me fazer detestá-la, e, geralmente, numa situação destas, ter-nos-íamos embrenhado numa amarga rivalidade — provavelmente por causa do nosso bem-parecido-mas-na-verdade-insensível patrão. Mas a Cathryn também era tremendamente divertida e muito generosa (e o nosso patrão era gentil e bem casado e tinha uma barriga cada vez maior), pelo que, em vez disso, tornámo-nos amigas. Agora tinha a esperança de que a generosidade dela se estendesse à sua ampla rede de atraentes amigos masculinos.

Cheguei ao trabalho no dia seguinte e pousei a mala no chão, junto à minha secretária.

— Preciso da tua ajuda.

Expliquei-lhe a situação; não queria que ela submetesse inadvertidamente um dos seus amigos como caso de estudo (apesar de, claro, ela não lhes poder contar o que se estava a passar). As sobrançelas perfeitas da Cathryn franziram-se ligeiramente, e olhou-me com preocupação.

— Não estou muito certa em relação a isso tudo. Já levaste em consideração a ética do projeto?

— Qual ética? É inofensivo. As mulheres seguem constantemente essas regras; é por isso que estes livros vendem! A única diferença é que eu estou a fazê-lo de um ponto de vista científico. Vá lá, tu adoras ciência. Devias apreciar o que estou a fazer em nome da investigação! — Tentei soar altiva e académica. — Se pensares bem, até estou a ser nobre: a sacrificar-me na procura do conhecimento.

Ela revirou os olhos.

— És uma Marie Curie dos nossos dias.

— Oh... Como se costuma dizer, alguns de nós estamos destinados à glória...

— Tens a certeza de que estás à altura disto? Descontando o teu estado de espírito, de momento temos tanto que fazer. As inaugurações de fim de verão começam em menos de duas semanas, e tu tens de tratar da lista de convidados.

— Oh, por favor. Eu sou americana. Tu sabes quão eficientes somos. Adoramos trabalhar! Não tanto como os Alemães ou os Chineses, mas quase.

— Nesse caso, e *quanto* ao teu estado de espírito?

— Agradeço a tua preocupação, mas vai correr tudo bem. É suposto ser divertido! E, claro, informativo.

Via-a vacilar e soube que a tinha conquistado.

— Parece interessante. Estou há tanto tempo com o Michael, que já me esqueci dos vários tipos de etiqueta de namoro, por isso, gostava de ver o que acontece.

— Excelente. O que tens para mim?

A Cathryn contou-me tudo acerca de um dos colegas do Michael, aparentemente bem-parecido, com boas maneiras, e, mais importante, solteiro. Tal como o Michael, ele trabalhava em Finanças, numa área que eu não compreendia, mas suspeitava estar a destruir a nossa economia enquanto ele ganhava imenso dinheiro. Nunca tinha saído com um banqueiro, mas o tempo era um fator crucial, por isso, pus de lado as minhas preocupações sobre o capitalismo e concordei.

Chamemos-lhe Cartola, pois recorda-me o Monopólio. Apontei os dados dele no meu caderno de apontamentos:

Nome: Cartola

Idade: 31

Profissão: Banqueiro de Investimento

Nacionalidade: Irlandesa

Método: *As Regras*

— Isto é fantástico. Obrigada! Achas que consegues combinar alguma coisa para sexta-feira? Tenho de agir rapidamente.

— Logo à noite falo com o Michael.

De repente tinha o meu primeiro objeto de estudo.

4 DE ABRIL

Há mais de duas semanas que não falava com a minha irmã, o que não era habitual, por isso, quando o número da Meghan surgiu

no meu telemóvel, durante a minha pausa do almoço, larguei a minha sanduíche e peguei no telemóvel.

— Arranjei um novo plano de vida — disse entusiasmada. Nunca fomos muito de dizer «olá»...

— Credo! Não encontraste Deus ou algo do género, pois não?

— Não, nada assim tão sério.

Pu-la a par dos meus planos para o projeto de namoros, ignorando os seus frequentes grunhidos de incredulidade. Eu sabia que convencer a Meg seria difícil. Mas não estava preparada para a sua cólera.

— Pensei que eras uma feminista — escarneceu.

— E sou! E, na verdade, se pensares bem, isto é um ato de rebelião feminista.

— De que maneira é que seguir uma data de tretas, provavelmente misóginas, de um guia de namoros é um ato feminista?

Tive de pensar rapidamente. Apesar de me considerar feminista, admito que não me dei ao trabalho de pensar muito no seu funcionamento.

— Ao... hum... permitir que me infiltre na área do inimigo! Ficar por trás das linhas inimigas. Usar as minhas arquetípicas artimanhas femininas para penetrar na mente masculina, com vista à melhoria das condições de vida das mulheres em todo o mundo!

A Meghan riu.

— Miúda, está tudo bem. Mas admite que estás a fazer isso para te esqueceres do Dylan.

Senti-me indignada.

— O Dylan não teve nada que ver com isto! O Dylan pertence ao passado, Meg. Este projeto é o meu futuro!

Ouvia suspirar do outro lado da linha.

— Como queiras. Toma conta de ti. Não quero que mudes por causa de um punhado de ingleses pálidos.

— Não te preocupes comigo. Tenho a situação completamente controlada.

— Não sei se isso me faz sentir melhor ou pior.

Regressei à minha secretária, peguei na sanduíche e no meu exemplar bem trabalhado de *As Regras*, deixando de lado as palavras de cautela da Meghan.

5 DE ABRIL

A noite do encontro chegou surpreendentemente depressa. Tinha passado a semana a rever *As Regras*, mas ainda estava nervosa em relação a alguns pontos. As raparigas que seguem as *Regras* não estão autorizadas a pagar nada em encontros, pois a independência financeira pode prejudicar a nossa qualidade-de-criatura-ímpar. Acredito que se deve dividir a conta, por isso sabia que deixá-lo pagar tudo me ia fazer sentir desconfortável.

Também devia terminar o encontro rapidamente, ao fim de duas bebidas. Tenho tendência para noites de saída que duram muito para lá do aconselhável, por isso achei que isso também ia ser complicado.

Não me era permitido sugerir nada sobre o encontro, por isso deixei-o escolher o local. Estava secretamente grata a essa regra, pois detesto escolher lugares para encontros e atividades; todos os locais que conheço são *pubs* de velhos, espeluncas e o meu quarto, e as únicas atividades que acho apropriadas para encontros são beber, fumar e fazer sexo. Nem sequer tenho a certeza sobre jantar.

Escolheu um requintado bar estilo anos 20 durante a lei seca, no Soho. *As Regras* encorajam-nos a, e cito: «usar meia de ligas translúcidas e subir a saia para seduzir o sexo oposto». Como era um encontro de sexta-feira à noite, e não queria aparecer no escritório como se trabalhasse clandestinamente num bordel de Mayfair, apressei-me para casa depois do trabalho, vesti o vestido mais à mão e mais curto que consegui encontrar, fumei um cigarro na varanda e, depois, fui ter com o Cartola.

O bar ficava afastado da rua e tinha um ar agradavelmente secreto, com uma entrada estreita e discreta, assinalada apenas por uma lanterna no exterior. Normalmente, estes lugares deixam-me muito nervosa, pois tenho receio de não conseguir encontrar a porta e de ficar a vaguear como Moisés no deserto, ou, pior, encontro a porta, mas recusam-me a entrada por não ser suficientemente sofisticada e interessante.

Felizmente, o Cartola tinha dissipado os meus dois receios antecipadamente, dando-me instruções precisas por e-mail, e assegurando-me que o meu nome estava à porta. Dois pontos a favor dele.

Apesar de todas essas garantias, eu ainda estava em frangalhos quando me aproximei do *maître*, e expliquei que vinha para um encontro romântico com um desconhecido; olhou-me com um ar de bom entendedor e conduziu-me escada abaixo.

Graças a Deus, pensei. *Este homem conhece o Cartola! Ele deve ter dito ao maître quando chegou. Isso tinha o seu quê de sexy...*

Continuou a levar-me em direção ao bar, onde o clássico estranho alto, moreno e bem-parecido estava sentado com um ar aparentemente antiquado. *EM CHEIO!*, pensei. O *maître* deixou-me ali com um piscar de olhos.

— Cartola? — perguntei eu. (É claro que não lhe chamei Cartola, mas para manter o anonimato dos meus objetos de estudo, refiro-me assim a ele.)

— Não — respondeu o estranho alto, moreno e bem-parecido.

— Oh — disse eu. — Desculpe. Vim encontrar-me com uma pessoa e o *maître* deixou-me aqui.

Olhou demoradamente para o meu vestido curto.

— A minha mulher chega a qualquer momento, e não ficará contente se me vir a falar com alguém como tu. — Tirou um cartão de visita do bolso. — Mas trabalho longe de casa algumas noites por semana; pede ao teu patrão para me contactar com os detalhes.

— Acho que não estamos na mesma onda. O meu patrão trabalha no Museu da Ciência.

Pareceu levemente aborrecido.

— Desculpa, não estou familiarizado com o jargão.

— Olha, pá, fica sabendo...

— Lauren? — chamou uma voz vinda de trás.

Virei-me. Numa pequena mesa escondida estava sentado um tipo ruivo e magro, que me acenava cautelosamente.

Que alívio. Dirigi um olhar carregado ao homem do balcão, puxei o vestido para baixo e fui ter com o Cartola.

Beijámo-nos desajeitadamente na face, e sentei-me cuidadosamente na cadeira ao lado dele. Era giro. Não giro como em alto, moreno e bem-parecido, mas como em arrapazado e com um ar bondoso. Tomei nota mentalmente para, na segunda-feira, levar uma barra de chocolate à Cathryn.

— Excelente! — disse ele. — Aqui estamos nós. O que queres beber?

Pedimos martínis, e ele falou-me um pouco acerca de si. Tinha vindo da Irlanda há seis anos para trabalhar, e agora vivia em Hammersmith com o irmão e um primo.

— ... e foi assim que vim para cá! Desculpa, estou farto de falar. — Bebeu um gole e acenou com a cabeça na minha direção. — Como é que vieste parar a esta gloriosa ilha? Vieste por causa do clima ou do serviço ao cliente? Normalmente é por uma dessas coisas.

Deixei escapar uma gargalhada alta, antes de me recompor e de arranjar as minhas feições de uma maneira que, esperava, mostrassem modéstia.

— Vim para cá trabalhar.

— É isso, trabalhas com a Cathryn no Museu da Ciência! A adorável Cathryn. Ela é uma rapariga fantástica. Em que é que estão a trabalhar de momento? Alguma coisa muito importante?

Estávamos prestes a lançar uma série de eventos pós-laborais para adultos, em que eu e a Cathryn tínhamos andado a trabalhar incansavelmente há seis meses. Mas isso seria revelar demasiado, em vez disso, encolhi os ombros e disse.

— Nem por isso. — E bebi mais um gole do meu martíni.

— Muito bem. A arrastarem-se, então?

Sorri e olhei para a mesa. Senti-me como se estivesse a fazer uma imitação da Helen Keller.

O Cartola pareceu momentaneamente desanimado, mas, em seguida, atirou-se de novo à conversa com renovado entusiasmo.

— De momento estou a trabalhar numa coisa em grande com o Michael. Para a semana vamos a Tóquio; a Cathryn não te falou nisso?

Abanei a cabeça.

— Bem, partimos na terça-feira por uma quinzena, e tenciono comer toda a carne de vaca Wagyu que conseguir. Já foste a Tóquio?

— Já, uma vez.

Na realidade, tinha lá passado seis meses a ensinar Inglês depois de me licenciar. Tinha adorado.

— É um sítio fantástico, não é? É louco! Completamente louco! Quando é que lá estiveste?

— Há uns anos.

— De que é que gostaste mais?

Quis responder: «Comer peixe-balão. Aquele que mata uma em cada cem pessoas que o comem! Comi e passei a noite inteira acordada, a ver se ia morrer. Mas não morri e foi fantástico!». Em vez disso, voltei a encolher os ombros.

— Não sei dizer.

— Viste alguma coisa completamente chanfrada? Estou a morrer para ver um desses robots-barmen que eles têm em alguns locais mais ostentosos. Viste algum desses?

«Vi. E vi uma das máquinas que vendem roupa interior feminina usada!», quis gritar. «Era tão fascinante, tão estranha e nojenta, tirei-lhe milhentas fotografias para poder mostrar a toda a gente!» Em vez disso, disse:

— Não, só o habitual.

O Cartola sorriu calorosamente e olhou para a bebida. Sentia que o estava a perder, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Como era de esperar, a conversa morreu depois disso. Não podia fazer nada para preencher os longos silêncios, pois o livro proibiu-me de introduzir novos temas de conversa. Ficámos ali sentados, a beber as nossas bebidas, com o Cartola a fazer ocasionalmente algumas perguntas e eu a dar-lhe respostas monossilábicas. Foi penoso.

Felizmente, o fim da noite chegou bastante depressa, pois tinha de me ir embora a seguir à segunda bebida. Depois do meu último gole, olhei para o relógio e disse o que temia dizer:

— Bom, isto foi ótimo, mas amanhã tenho um dia em cheio.

O Cartola pareceu um tanto confuso — eram só 21h35 de uma noite de sexta-feira — e aliviado.

— Oh, está bem. Vou só pedir a conta.

A conta chegou e tive de ficar quieta, para me impedir de pegar na carteira. Achei que o mínimo que podia fazer era pagar a minha parte deste fiasco, mas, em vez disso, tinha arruinado a noite de um desgraçado e, agora, ele ia ter de pagar por isso.

Felizmente, o Cartola puxou do cartão de crédito sem pestanejar. O mais certo era querer sair dali o mais rápido possível.

Quando saímos do bar (comigo a parar sub-repticiamente junto à porta para ele ser obrigado a abrir-ma), o Cartola acompanhou-me galantemente até à estação de metro mais próxima.

— Obrigada por uma noite encantadora — balbuciei.

— Foi muito agradável. Tenho pena de que tenhas de te ir embora tão cedo.

— Como disse, amanhã tenho um dia em cheio — retorqui. — Boa noite!

Apressei-me a entrar na estação, e depois escapuli-me pela outra entrada para fumar um calmante cigarro.

«Safa, foi difícil», resmunguei para comigo, enquanto dava outra passa. Tapei-me com o casaco, apercebendo-me subitamente de que estava parada numa esquina do Soho, vestida com meias de ligas translúcidas e com um minúsculo vestido preto. Esmaguei o cigarro com o salto: já tinha sido tomada por prostituta uma vez nessa noite, e não queria ficar à espera de outro convite.

Virei-me para caminhar até ao metro, arrebitando ao aperceber-me de que estaria em casa a tempo de ver *Calma, Larry* no Channel 4. Pelo menos, namorar ao estilo das *Regras* não interferiria com as minhas horas de ver televisão.

— Lauren?

Virei-me e vi o Cartola debruçado à janela de um táxi.

— Oh, olá de novo! — disse eu, debatendo-me para voltar a ter o meu ar de elegante modéstia.

— Queres boleia? Vou ouvir os estridentes em Shoreditch com alguns amigos. Posso deixar-te no caminho?

Os estridentes? Não me consegui conter: tinha de perguntar.

— O que é um estridente?

— Música irlandesa. Sabes, é tudo estridente! Se quiseres, anda!

— Não, obrigada.

— Oh, certo... Amanhã tens um dia em cheio. Bem, posso ao menos dar-te boleia até casa?

Refleti por um momento, pensando no que *As Regras* diriam sobre isso. Suspeitava que não diriam nada de positivo, mas o frio de

abril soprava através das minha meias de ligas translúcidas, e uns tipos mais velhos olhavam-me lascivamente da porta da *sex shop*, por isso, acenei afirmativamente com a cabeça e entrei para o táxi.

— Obrigada. Foste muito gentil.

— De nada. — O Cartola olhou para mim por um instante e, disse: — Importas-te se te perguntar se esta noite te estás a sentir bem?

Oh... Era demasiado mau. Ele achou que eu era horrível. Forcei-me a sorrir educadamente.

— Sim, estou a sentir-me bem, obrigada.

— É que pareces muito... calada. Espero não ter dito nada que te tenha ofendido. Consigo ser muito desbocado, por isso, se o fui, dá-me um raspanete.

— É claro que não! — respondi. — Foste um perfeito cavalheiro.

Cruzei os tornozelos e olhei para o lóbulo da orelha esquerda dele, decidida a não estabelecer contacto visual. Ele estava a ser verdadeiramente simpático, e era tão arrapazadamente bem-parecido, daquela pálida maneira irlandesa de que eu tanto gostava... tinha a certeza de que me atirava se o olhasse de frente.

Caímos num silêncio desconfortável. Olhei pela janela, a ver as ruas passar rapidamente por mim e a desejar que o táxi me transportasse diretamente para a minha sala de estar.

— Eu fico aqui! — disse quando o táxi parou na curva, junto à rotunda de Old Street. — Mais uma vez, obrigada por uma noite encantadora!

Saltei do táxi e corri (ou melhor, tropecei — sou um desastre com saltos altos) até à entrada do meu prédio. Não olhei para trás.

Ao girar a chave na porta da frente do apartamento, um arripio gelado percorreu-me a coluna. *Meu Deus*, pensei, *nem sequer lhe ofereci dinheiro para o táxi!* É claro que, de acordo com *As Regras*, não o deveria fazer, mas não pude deixar de sentir um assomo de vergonha. *Ele deve ter pensado que sou a maior cabra à face da Terra.*

Servi a mim mesma um grande copo de vinho e levei-o para a varanda. O apartamento estava vazio; provavelmente a Lucy estava a divertir-se noutro lado qualquer, a beber e a curtir com rapazes e a ficar na rua até depois das dez da noite, livre dos limites da vida das *Regras*. Como a invejava.

Se esta noite tivesse sido deixada por minha conta, dois martinis teriam levado a uns *bourbons*, e a noite teria acabado connosco a lutar numa sessão de curtição bêbeda, num canto de uma espelunca em Hanbury Street.

Era isso que eu adorava em ser solteira: pequenas aventuras com alguém relativamente estranho, pelo qual nos sentimos desesperadamente atraídas; peculiares conversas fora do normal sobre as nossas raças de cães favoritas, ou quem venceria numa luta entre os New Kids on the Block e os One Direction, ou se o Michael McIntyre tornava, ou não, o mundo um lugar pior; caçadas loucas a bebida e a cigarros; a sensação de que a noite te está a escapar e tentas agarrar-te a ela e puxas o cobertor da escuridão o mais possível sobre ti. Adorava a atordoada sensação de acordar na cama, na manhã seguinte, tonta e com dores de cabeça, mas principalmente muito, muito feliz, ainda pedrada pela sensação de possibilidade da noite anterior.

Em vez disso, estava em casa a uma hora absurdamente razoável, tendo obrigado um homem perfeitamente afável a passar uma curta noite na minha companhia, não oferecendo um cêntimo como compensação. Sentia-me deprimida e algo repugnante.

Isto ia ser mais difícil do que pensava.

13 DE ABRIL

Passou-se uma semana sem notícias do Cartola. Precisei de toda a minha força de vontade para não lhe enviar uma mensagem, agradecendo-lhe as bebidas e pedindo desculpa por não lhe ter oferecido dinheiro para o táxi, mas, se o tivesse feito, teria violado várias das regras do livro.

O Michael tinha ido para Tóquio com o Cartola, e a Cathryn não tinha ouvido nenhuns comentários sobre o encontro. Encolhia-me só de pensar no que o Cartola diria de mim; provavelmente estava a repreender o Michael por o ter mandado a um encontro com uma cabra frígida. Era muito humilhante, mas, creio que, agora que tinha entregado a minha vida amorosa a peritos, tinha de estar preparada para esse tipo de coisas.

Eu e a Lucy tínhamos saído para a nossa corrida de sábado de manhã e, em seguida, ido fazer as nossas compras semanais ao Superdrug, deambulando pelos corredores como um par de zombies muito interessados em verniz para as unhas. Estava na caixa, a pagar um *eyeliner* líquido azul-elétrico, com o qual estava muito entusiasmada, quando senti o meu telemóvel a tocar.

Tirei-o da carteira e olhei para o ecrã. Tinha uma chamada perdida. Seis, para ser precisa. Todas do Adrian.

Há já algum tempo que não sabia nada dele. Há seis semanas, ou mais. Tinha desistido e presumido que ele tinha ido para a Ilha dos Homens Perdidos, onde estava a jogar *Championship Manager* com todos os outros tipos que tinham desaparecido subitamente das vidas das mulheres. Mas, pelos vistos, estava fora da ilha. E agora, parada no meio da loja, olhando para o pequeno cursor intermitente do meu telemóvel, enfrentava um dilema: agir de acordo com as *Regras* ou não?

— O Adrian telefonou — disse eu, agarrando o braço da Lucy ao sairmos da loja. — Umas seis vezes. O que devo fazer?

— Oh! Liga-lhe de volta! Provavelmente ele está a telefonar para dizer que percebeu que está perdidamente apaixonado por ti.

— Mas o livro diz que eu não lhe posso retribuir a chamada.

As raparigas que seguem as *Regras* tratam o telefone como se fosse um sistema de sentido único: os homens podem ligar-nos, mas nós não podemos mesmo ligar-lhes. O raciocínio subjacente a isto é que se um tipo quiser mesmo falar connosco, volta a telefonar, uma e outra vez, até nos apanhar. É um decreto muito sensato, apesar de requerer um género de homens persistentes e apaixonados com que nunca me deparei.

— Pensei que no livro estava que não podias retribuir a primeira chamada. Estou certa de que podes voltar a ligar depois da *sexta* chamada!

— Está bem! Quer dizer, e se ele estiver ferido? Se tiver tido um acidente ou algo assim?

A Lucy arregalou os olhos.

— Lo, até pode ser perigoso *se não* lhe ligares. Podes ser considerada responsável.

— Oh, meu Deus. Tens razão. Tenho a certeza de que vi uma coisa assim na *Lei & Ordem*. Está bem, ligo-lhe quando chegarmos a casa.

A Lucy acenou decididamente com a cabeça.

— Estás a fazer a coisa certa, querida.

Apressámo-nos a ir para casa, especulando sobre que crise teria atingido o Adrian. Teria perdido o emprego? Ficado sem casa? Tido um acidente com uma ceifeira-debulhadora? Impelida pelo pensamento de só estar a fazer o que qualquer cidadão responsável faria, retribuí-lhe a chamada mal entrámos em casa. Atendeu ao terceiro toque.

— Estou? — disse ele.

Deus! A voz dele era tão atraente.

— Olá! É a Lauren. Vi que me tinhas ligado e estou a ligar-te de volta. Está tudo bem? Não estás no hospital, pois não? Em que hospital estás? Devo ir visitar-te?

— De que é que estás a falar? Não estou no hospital, minha doída. Estou no *pub*, prestes a ver o Liverpool a levar uma tarefa do Man City.

— Oh. Então porque é que me telefonaste tantas vezes?

— Não telefonei.

— Telefonaste. De acordo com o meu telemóvel, ligaste-me seis vezes. Pensei que era uma emergência ou qualquer coisa do género.

— Merda. Devo ter-me sentado em cima dele e feito as chamadas sem querer. Desculpa.

— Oh. — Engoli a raiva que me revolvía o estômago. — Está bem, não faz mal.

— Como estás, Cunningham? Estás bem?

— Sim! Sim! Está tudo bem por aqui. Tenho estado muito ocupada, sabes como é, muitas atividades e projetos e trabalho e encontros e outras coisas! — Oh, meu Deus, oh, meu Deus, FAZ COM QUE PARE. — Agora, tenho de desligar. Estou ocupada, muito ocupada!

— Está bem, está bem... Não te quero empatar estando tu assim tão... ocupada. Desculpa ter-te ligado.

O Adrian conseguiu soar ao mesmo tempo perplexo e indiferente. Ele era enfurecedor. Comecei a desejar que ele tivesse *mesmo* tido um acidente com uma ceifeira-debulhadora.

— Tudo bem! Adeus!

Desliguei e sentei-me no sofá. Bem... não tinha corrido como planeado.

A Lucy espreitava junto à porta e atirou-se a mim mal saí.

— Então? — perguntou ela. — Ele está bem? Teve um acidente?

— Não.

— Oh, meu Deus! Quer que voltem a ficar juntos, não quer? Eu sabia!

— Não — repeti.

— Então o que é que aconteceu?

— Foi o traseiro dele. O Traseiro dele é que me telefonou, não foi ele.

A Lucy parecia confusa.

— O que é que queres dizer, o rabo dele?

— Quero dizer que se sentou em cima do telemóvel, e, pelos vistos, o telemóvel ligou-me por engano.

Pareceu cabisbaixa. Acho que ficou mais desiludida do que eu.

— Oh. Caramba!

— Nem me digas nada.

Eram necessárias medidas preventivas. Procurei o número do Adrian no telemóvel e alterei o nome para «Estás bêbeda?», para, se alguma vez voltasse a querer ligar-lhe, sentir repulsa imediata.

Fui para o meu quarto e peguei no meu exemplar de *As Regras*.

Deitei-me na cama e folhei até ao capítulo intitulado «O Próximo! E Outras Regras para Lidar com a Rejeição». Tinha tido a minha dose nas últimas semanas, e estava com vontade de ver que sabedoria tinham para me oferecer. Continuei a ler.

«As raparigas que seguem as *Regras* não ficam fixadas em homens que as rejeitam. Dizem “Ele é que fica a perder” ou “Venha o Próximo!” e seguem em frente.»

Diga o que se disser sobre as autoras de *As Regras* — por exemplo, eu tenho dito que são umas malvadas histéricas determinadas em impedirem-me de voltar a fazer sexo —, gosto que não me deixem espaço para a autocomiseração.

Havia mais: a receita de *As Regras* para a rejeição era usar um vestido fantástico e maquilhagem lisonjeira, e ir à *próxima festa* ou a bailes de solteiros. Parecia-me muito sensata. Nunca tinha sido

muito dada ao clichê de ficar-sentada-a-um-canto-a-chorar-para-dentro-de-uma-caixa-de-gelado, que parece ter sido impingido às mulheres pelas comédias românticas e pela literatura feminina.

Felizmente, nessa noite, tinha um evento de trabalho cheio de possibilidades. Estávamos a lançar a temporada de fim de noite: o museu estaria aberto até às duas da manhã, aos sábados, e haveria DJ, exposições especiais e cocktails. Não era fácil atrair adultos a um museu da ciência; por vezes era necessário persuadi-los com bebidas alcoólicas.

Obviamente, esta noite teria de ser a profissional perfeita (pelo menos durante os primeiros 20 minutos), mas depois de ter beijado as faces de todas as pessoas importantes, planeava aproveitar o bar aberto e, com sorte, apanhar pelo menos um novo objeto de estudo.

Preparando-me para a grande noite, folhee até à parte de *As Regras* sobre aptidões para festas. O meu coração apertou-se: afinal, a noite era capaz de não ser tão divertida como eu pensava.

Desalentada, mas decidida, fiz o meu melhor para me arranjar bem. Vesti o meu vestido vermelho preferido e, depois de ter finalmente conseguido aplicar *eyeliner* líquido sem me magoar no olho, corri para a sala de estar para receber a aprovação da Lucy.

— Uau! — disse ela, erguendo a cabeça do último número da *Grazia*. — Onde é que vais? Estás muito glamorosa.

— Achas mesmo que está bem? Tenho de ir ao lançamento das Noites no Museu. Achas que é demasiado *Um Sonho de Mulher* para um evento de trabalho? Estou sempre a ser confundida com uma prostituta.

— De todo. É muito secretária *sexy*.

— Obrigada. Agora tenho de ir cirandar numa sala durante várias horas e não olhar para ninguém. Telefone-te da casa de banho.

— O quê?

— Depois conto-te. Adeus!

Deixei uma Lucy confusa no sofá e acelerei até ao metro. Como habitualmente, estava atrasada.

Conseguí entrar no comboio mesmo antes de as portas se fecharem. Uma vez lá dentro, apercebi-me do meu erro. Como sempre, estavam 15 graus da temperatura errada — neste caso 15 graus

demasiado quentes — e a corrida para a estação não tinha ajudado. Debati-me para desapertar os botões do casaco, mas apercebi-me, com pânico crescente, de que já tinham começado: os suores do metro.

Em poucos minutos tinha o vestido colado à parte de baixo das costas, e pequenos riachos de suor escorriam-me pelo pescoço. Nojento.

Meia hora mais tarde, quando finalmente desembarquei, a maquiagem estava esborratada e o vestido colava-se a mim como celofane. Baixei-me ao passar a entrada da frente, para o caso de estar a ser espiada por um colega/cliente/possível objeto de estudo, e corri para o meu gabinete, muito bem escondido atrás do museu, numa zona a que gostava de chamar A Cave do Desespero. Tinha muito cinzento e muita humidade.

Peguei na minha maquiagem de emergência, e voltei a aplicá-la ao mesmo tempo que me refrescava abanando um molho de panfletos do museu.

Nesse momento, a Cathryn entrou, com ar régio, envergando um vestido azul comprido e saltos que eu descreveria como sensatos. Se os usasse, pareceria ter cerca de 47 anos. Nela, pareciam franceses e caros.

— Estás bem? — perguntou ela, olhando para a minha cara cor de beterraba, presumindo que eu estava prestes a ter um derrame cerebral.

— Ótima! O maldito metro estava uma fornalha, e agora não consigo parar de transpirar, acima de tudo porque estou a pensar em transpiração.

— Pelo amor da santa, para de pensar em transpiração.

— Estou a tentar! — berrei, enquanto me abanava com mais rapidez. — Como está a afluência? Houve cancelamentos?

A Cathryn folheou os papéis na sua prancheta.

— Algumas pessoas desistiram, mas acho que pelas 20 horas estaremos com a lotação esgotada.

— Fantástico! — livreime-me dos sapatos de salto raso e calcei os de salto alto. Pelas 22 horas estariam a dar cabo de mim, mas, com sorte, por essa altura já teria causado sensação.

— Só falta meia hora até as portas abrirem, por isso, vamos dar uma vista de olhos rápida ao local e ver se o planetário está pronto a funcionar.

Com o suor a dar tréguas, dei uma escovadela final ao cabelo antes se seguir a Cathryn até à parte de frente do museu. O planetário tinha uma aparência espantosa. O DJ ficaria lá em cima, nas traves, e a multidão dançaria debaixo das estrelas. Estava a ser montado um bar do lado de fora da porta, para as pessoas poderem sair e ir buscar outro gin tónico, sem derramarem álcool em cima do dispendioso equipamento científico. Os responsáveis tinham deixado claro que nenhum equipamento científico seria danificado em nome da diversão.

Estava realmente orgulhosa. É claro que não haveria muita aprendizagem, mas o museu seria apresentado a um novo tipo de pessoas, e, se tudo corresse bem, iria fazer-se dinheiro com a venda dos bilhetes. No entanto, acima de tudo, tinha planeado isto para concretizar o meu sonho de quando tinha 13 anos — ter uma festa no planetário. Acho que a culpa é do espetáculo de *laser* dos Pink Floyd que vi quando andava no ciclo.

Sorri para a Cathryn.

— Tem tudo um aspeto fantástico.

— Tem, não tem? Estou muito satisfeita.

— A sério, excedemo-nos. Se não formos promovidas, como o meu chapéu.

— Isso talvez seja ir longe demais, mas acho mesmo que tem um ar maravilhoso.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Vou lá fora num instante fumar um cigarro, e depois tomo a minha posição à porta.

— Não te percas! — gritou ela, enquanto eu me esgueirava pela porta lateral.

Eu e a Cathryn tínhamos concordado em fazer a rotação da aborrecida tarefa de estar de guarda à porta e riscar os nomes das pessoas da lista de convidados. Geralmente, detestava o serviço de porta e tentava escapar-me de todas as maneiras possíveis, mas esta noite estava desejosa de o fazer. Era como uma pré-visualização: podia ver a mercadoria antes de ir para a loja.

SEXO SEM COMPROMISSO E SEM DESGOSTOS, POR FAVOR!

Lauren é americana e está em Londres à procura de aventuras... coloridas. Ela não quer namoros nem anel no dedo, só noites de diversão. Mas porque é que os homens não acreditam?

Para perceber melhor a mente masculina, Lauren transforma a sua vida amorosa numa experiência científica. Assim, decide todos os meses seguir um guia de relacionamentos diferente e cumprir as regras à risca, anotando os brilhantes (ou medonhos) resultados de cada experiência.

No entanto, atrair um homem é mais difícil do que simplesmente deslizar para a direita no *Tinder* – principalmente quando a graciosidade não é o seu forte. E é assim que, colocando-se em situações inesperadamente cómicas, Lauren vai descobrir que quem brinca com o fogo, queima-se.

Um romance bem-humorado que fará as delícias dos fãs de *O Diário de Bridget Jones*, da série *Girls* e ainda de *O Sexo e a Cidade*.

«Um **ESTRONDO!** Uma leitura divertida e completamente envolvente.»
Marian Keyes, autora bestseller

Leia também o reencontro de Ruby e Ethan:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-66-1



9 789898 869661

Ficção Romântica